

um monstruoso
regimento de mulheres
laurie r. king

Tradução de Luís Coimbra



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

NOTA DA TRADUÇÃO



A ESCRITA DE MARY RUSSELL, O SEU VOCABULÁRIO E A SUA ORALIDADE, que, no primeiro livro desta série, misturavam vários registos e confundiam expressões de inglês americano com o inglês vitoriano, estão neste volume muito mais normalizados perante um discurso britânico e académico, certamente aquilo que Laurie R. King pretendeu depois de fazer a sua personagem passar alguns anos sob a tutela de Holmes e os estudos em Oxford. Procurou-se na tradução portuguesa manter alguma proximidade a esse discurso mais cerrado.

Como no primeiro volume, não foi considerado necessário explicar ao leitor as referências a casos de Sherlock Holmes escritos por Conan Doyle.

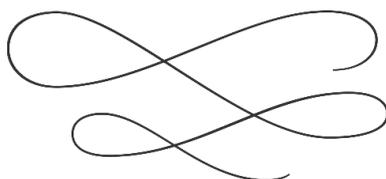
Por último, apenas uma nota para referir que as citações bíblicas feitas no texto e nas epígrafes de abertura dos capítulos podem apresentar ligeiras diferenças do texto bíblico como o conhecemos, pois são retiradas da versão da Bíblia do Rei Jaime.

Para mais informações sobre a época, os movimentos feministas e as teorias religiosas, poderão consultar o sítio de Laurie R. King:
www.laurierking.com.

O TRADUTOR

ΠΑΡΑ ΖΟΕ
τό φῶς τῶν ἀνθρώπων

PREFÁCIO DA EDITORA



A história contida entre estas capas é a segunda que ressuscitei do fundo de uma mala de metal que recebi de fonte anónima anos atrás. Na minha introdução como editora da primeira, que foi intitulada *O Sacrifício da Rainha*, admiti que não fazia ideia do porquê de ter sido a destinatária da mala e dos seus conteúdos. Estes eram objetos de valor diverso, desde um colar de esmeraldas a uma pequena fotografia desbotada de um jovem magro, de aspeto gasto, vestido com uma farda militar da Primeira Guerra Mundial.

Também encontrei ali outros objetos interessantes: a moeda com um furo, por exemplo, profundamente gasta numa das faces e riscada na outra com o nome de IAN, que certamente terá uma história por trás; também, do mesmo modo, o atacador puído, cuidadosamente enrolado e amarrado, e o pequeno coto de uma vela de cera de abelha. Mas os objetos mais espantosos, mesmo para alguém como eu, que não sou particularmente versada nas histórias de Sherlock Holmes, são os manuscritos. *O Sacrifício da Rainha* centrava-se nos primeiros tempos de uma parceria até agora desconhecida do mundo: aquela que ligou a jovem Mary Russell e o há muito aposentado detetive de meia-idade Sherlock Holmes.

Trata-se mesmo literalmente de manuscritos, redigidos à mão em diversos tipos de papel. Alguns foram bastante fáceis de decifrar, mas outros, dois em particular, deram uma carga de trabalho. A presente história foi a pior. Parecia ter sido reescrita mais de uma dúzia de vezes, em pedaços

rasgados de páginas, retalhos de outras folhas inseridos, rasuras cerradas que dificultaram todas as tentativas de descortinar o texto oculto. Este não terá sido, a meu ver, um livro de escrita fácil para Miss Russell.

Tal como já referi, não faço ideia por que motivo esta coleção me terá sido enviada. Estou, no entanto, em crer que o remetente, se não a própria autora, poderá estar ainda vivo. Entre as cartas recebidas no seguimento da publicação de *O Sacrifício da Rainha* encontrava-se um postal estranho e muito viajado, enviado de Utreque. Era um postal velho, com uma fotografia em tons de sépia de uma ponte de pedra sobre um rio, onde figurava um barco alongado com fundo chato e um homem de pé numa das pontas, segurando uma vara, uma mulher em trajes eduardianos, sentada no extremo oposto, e três cisnes. No verso, via-se impresso na legenda: FOLLY BRIDGE, OXFORD. Escritos no postal, em letra semelhante à que caracterizava os manuscritos, estavam o meu nome e morada, e junto a essa informação a frase: «Há mais a caminho.»

Espero sinceramente que assim seja.

— LAURIE R. KING

*Pois quem poderá negar que é repugnante à natureza
que os cegos sejam eleitos para guiar e conduzir
aqueles que veem, que os fracos, os enfermos
e os impotentes sustentem os íntegros e os sãos,
e por fim, que os tolos, loucos e frenéticos governem
os discretos e aconselhem os sensatos?
Assim são todas as mulheres comparadas
com o homem no exercício da autoridade.*

JOHN KNOX (1505–1572)

*The First Blast of the Trumpet Against
the Monstrous Regiment of Women*
(O Primeiro Sopro do Clarim contra
o Monstruoso Regimento de Mulheres)

Publicado em 1558 contra Maria Tudor;
posteriormente aplicado a Maria Stuart.
Regimento é utilizado para designar *regime*.

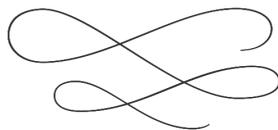


UM

DOMINGO, 26 DE DEZEMBRO
SEGUNDA-FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 1920

*A mulher é imprudente e frágil ou maleável.
Imprudente por ser incapaz de considerar
com discernimento e sensatez
aquilo que ouve e vê, e frágil
por se submeter com facilidade.*

JOÃO CRISÓSTOMO (c. 347-407)



Reclinei-me na cadeira, enfiar a tampa na caneta, atirei-a para a gaveta e entreguei-me à enchente de satisfação, alívio e expectativa desencadeada por essa simples ação. A satisfação devia-se ao trabalho escrito cuja última nota remissiva acabara de corrigir, destilado resultante de vários meses de trabalho árduo e um primeiro ensaio meu como académica versada: era um trabalho consistente, revelando-se fiel e transparente na página. O alívio que sentia não era motivado pela escrita, mas pelo facto concomitante de, graças à existência de compromissos prévios, ter sobrevivido aos festejos natalícios obrigatórios, *fête* que atingia o auge da emoção pelo seguinte motivo: era o derradeiro ano em que a minha tia detinha controlo sobre o que era, a seu ver, a carteira da família. A expectativa devia-se à semana de liberdade que tinha pela frente, uma semana inteira livre de compromissos e responsabilidades, que culminaria no meu 21.º aniversário e em todos os direitos e privilégios daí derivados. Um resquício de trepidação, mínimo mas persistente, insistia em fazer-se sentir, contudo, precavi-me contra ele levantando-me para ir buscar roupa à cómoda.

A minha tia era, em boa verdade, judia, mas há muito que abandonara a sua Igreja e se entregara com todo o entusiasmo de uma convertida às manifestações exteriores do anglicanismo cultural. Em consequência disso, a sua noção do Natal tinha forte influência de Dickens e de Saxe-Gotha. O seu derradeiro ano como minha suposta tutora coincidiu com o primeiro ano em que se viram quantidades de açúcar, manteiga e carne disponibilizadas sem racionamento desde o término da Grande Guerra, implicando que aos excessos emocionais se haviam acumulado outros de ordem culinária. Pedira dispensa de grande parte das festividades, invocando a exigência do trabalho, mas com a minha máquina de escrever calada, não tinha alternativa senão uma fuga indelicada e imediata. Não havia necessidade de ponderar as alternativas que tinha à disposição — começaria por rumar a casa do meu amigo e mentor, tutor, adversário de desafios amigáveis e camarada de armas, Sherlock Holmes. Era esse o motivo da minha expectativa. Era também a causa da minha trepidação.

Insurgindo-me contra a casa repleta de veludos e sedas através da qual me deslocara durante o que pareciam ter sido semanas, escolhi do guarda-roupa o fato mais roído pelas traças de entre as roupas do meu pai há muito falecido, vesti-o por cima de uma camisa de pano de linho deliciosamente macia e coçada, e de uma pesada camisola de lã que salvara dos ratos do sótão. De luvas quentes, forradas com pele de gamo calçadas, e com as tranças apanhadas ao alto, arrumadas debaixo de um boné de *tweed* que me ficava demasiado grande, pus ao pescoço um cachecol grosso e parei para pensar. Fizesse o que fizesse durante os três, quatro dias seguintes, afastar-me-ia de casa. Fui até à cómoda e tirei um par suplementar de meias de lã, e de um recanto secreto por trás dos lambris resgatei uma bolsa de pele, na qual escondera todas as notas e moedas soltas que havia poupado de prendas e mesadas ao longo dos últimos dois anos, acumulando uma quantia apreciável, como tive o prazer de comprovar. À bolsa, arrumei-a num bolso interior juntamente com o coto de um lápis, algumas folhas de papel dobradas e um pequeno livro acerca do rabi Akiva, que tinha vindo a guardar para uma ocasião especial. Dei uma última vista de olhos ao meu refúgio, tranquei a porta à saída e levei nas mãos as botas com sola de borracha até à porta dos fundos para ali as calçar.

Embora tivesse alguma esperança de que um dos meus parentes me cumprimentasse, estavam todos demasiado ocupados com jogos na sala,

ou então letárgicos, quase desmaiados de barriga inchada, porque as únicas pessoas que encontrei foram a cozinheira de faces coradas e a sua ajudante atrapalhada, e essas estavam demasiado ocupadas a preparar a enésima refeição para prestarem mais do que uma resposta distraída às minhas saudações. Interroguei-me futilmente sobre quanto lhes estaria a pagar para trabalharem num dia em que uma criada tradicionalmente contaria estar de folga, mas afastei esta questão, calcei as botas, vesti o sobretudo sujo que guardava nos confins do armário debaixo da escada e fugi da casa sobreaquecida, sobrepovoada, carregada de emoções, rumo à brisa marítima, limpa e fresca das colinas do Sussex. A minha respiração fez nuvens em meu redor e os pés avançaram ruidosos sobre troços de chão cobertos de gelo que ainda não havia derretido sob os raios que o sol pingava, e quando cheguei a casa de Holmes, a oito quilómetros dali, senti-me limpa e tranquila pela primeira vez desde que saíra de Oxford no final do semestre.

Ele não estava em casa.

No entanto, deparei-me com a Sra. Hudson. Cumprimentei-a com um beijo afetuoso e elogiei os bordados que estava a fazer diante da lareira da cozinha, provoqueei-a com críticas aos seus hábitos preguiçosos nos dias de folga e ela informou-me mordazmente de que só usava avental quando estava de serviço, eu comentei que, nesse caso, ela o usava certamente por cima do vestido de noite, pois, segundo me era dado a perceber, estava sempre de serviço quando tinha Holmes por perto, e perguntei-lhe se queria ir tomar conta da minha casa dali a sete dias, com garantias de ser devidamente reconhecida e recompensada, mas ela limitou-se a rir, sabendo que eu não falava a sério, e pôs a chaleira ao lume.

Ele tinha ido à Cidade, contou-me, vestido com uma grande variedade de camadas de roupa não condizentes, dois cachecóis e um chapéu de seda sujo e coçado; então, perguntou-me se preferia *scones* ou queques.

— Os queques já estão feitos?

— Oh, sobraram alguns de ontem, mas posso fazer mais de fresco.

— No seu único dia de folga do ano? Nem pensar nisso. Adoro os seus queques torrados, como bem sabe, e em todo o caso, sabem sempre melhor no dia seguinte.

Deixou-se convencer. Subi ao quarto de Holmes e revistei judiciosamente a cómoda e os armários, enquanto ela reunia os materiais necessários. Tal como eu tinha previsto, ele levava as luvas sem dedos que calçava para conduzir carruagens e a ferramenta para arrancar pedras dos cascos;

associadas ao chapéu, estas implicavam que estaria a conduzir uma sege¹. Tornei a descer à cozinha, trauteando entre dentes.

Aqueci os queques à lareira e coscuvilhei alegremente com a Sra. Hudson até ser hora de partir, empanturrada com queques, manteiga, doce, torradas com anchova, duas fatias de bolo de Natal e ainda com uma encomenda embrulhada em papel encerado no bolso, a fim de apanhar o comboio das 16h43 para Londres.

Tinha o hábito de me interrogar, de tempos a tempos, por que motivo o povo das localidades vizinhas, que era, de resto, astuto, particularmente os chefes de estação, não comentava a aparição frequente de duas personagens estranhas nas suas linhas de caminho de ferro, uma delas velha e a outra nova, cada qual do seu sexo, muitas vezes juntas. Só no verão passado me apercebera de que os nossos disfarces eram tratados como uma intriga comunal pelos nossos aldeões, que faziam ponto de honra de nunca deixarem escapar as suas suspeitas de que o jovem criado de lavoura mal-amanhado que caminhava desleixado pelas ruas talvez fosse a mesma pessoa que, vestida de um modo consideravelmente mais digno, com uma saia de *tweed* e um chapéu *cloche*, partia para Oxford durante o período escolar e regressava ali para comprar bolos, pás e um ou outro copo de cerveja aos comerciantes durante a sua estada nas residências universitárias. Estou em crer que, se um repórter do *Evening Standard* tivesse vindo à povoação e oferecido cem libras a troco de toda a verdade sobre o famoso detetive, as pessoas teriam olhado para ele com aquela expressão fleumática, que tanto esconde, da gente rural e perguntado com delicadeza a quem se referia.

Estou a divagar. Quando cheguei a Londres, as ruas ainda estavam movimentadas. Apanhei um táxi (automóvel, de modo a não ter de fixar com demasiada atenção o motorista) para a agência que Holmes costumava usar como fornecedora quando precisava de cavalo e sege. O proprietário conhecia-me — pelo menos, reconhecia o jovem que se erguia perante ele — e disse-me que sim, que o cavalheiro em causa (não querendo com isso referir-se, evidentemente, a um cavalheiro propriamente dito) aparecera ali para trabalhar naquele dia. Aliás, aparecera duas vezes.

— Duas vezes? Quer dizer que veio devolver a sege?

Fiquei desiludida e perguntei-me se não seria melhor desistir simplesmente da busca.

¹ Nome dado a uma grande variedade de carruagens. Neste livro refere-se aos táxis londrinos com cabine fechada ou não, para duas pessoas e cujo condutor ficava, num plano elevado, por cima e atrás da cabine. (*N. do T.*)

— O cavalo tinha um joelho avariado, e ele trouxe-o de volta. Estava prestes a levar outro quando por acaso viu que acabava de entrar uma sege antiga. Caiu-lhe no goto, ah pois caiu, mas não percebo porquê, com tanto trabalho que dão e frio que se apanha sem tirar rendimento que se veja, a não ser que se tenha a sorte de fisgar um par de excêntricos que queira um gostinho dos tempos de antigamente, pelo gozo da coisa. De vez em quando acontece, num domingo de verão, ou depois do teatro no sábado. Numa noite como esta, já era uma sorte do camandro se lhe calhasse meio dinheiro em passagens.

Com o rosto impávido, refleti intimamente em como a linguagem colorida do homem se teria esbatido à luz da jovem fina que eu por vezes encarnava.

— Então, ele levou uma sege?

— Pode crer que levou. Honra lhe seja feita, é dos poucos que ainda sabem conduzir o raio da coisa. — O seu rosto quadrangular demorou um momento a contemplar esta justaposição incongruente de perícia e loucura no homem que conhecia pelo nome Basil Josephs, então abanou a cabeça, maravilhado. — Dito isso, tive de lhe dar um cavalo sacana. Nunca esteve atrelado a um carro de duas rodas, ah pois não, ainda por cima está gasto e é teimoso. Espero que o velho Josephs não tenha tido nenhum sarilho — disse com uma despreocupação magnífica, dobrando-se depois para escarrar delicadamente na valeta malcheirosa.

— Bem — disse eu —, não pode haver muitas seges por aí, talvez dê com ele esta noite. Sabe descrever o cavalo que levou?

— É um baio grande com cordão, alto calçado em três patas, a quarta é mais escura, e tem olhos manhosos mas não se veem, usa palas — matraqueou, e passado um pouco acrescentou: — É o veículo número dois-nove-dois.

Agradei-lhe com uma moeda e parti pelas ruas vastas e extensas daquela grande fossa sanitária, à caça de uma sege batida específica e do seu condutor.

A caçada não foi tão infrutífera como seria expectável. A não ser que estivesse a investigar um caso (e a Sra. Hudson ficara com a impressão geral de que não estava), a indumentária escolhida e a sege sugeriam que o motivo da saída se prendia com diversão, não trabalho, e a sua ideia de diversão tendia mais para o Leste de Londres do que para Piccadilly ou St John's Wood. Contudo, isso ainda deixava uma área apreciável onde o procurar, e passei muitas horas debaixo de candeeiros de rua, a estender o pescoço

para ver os cascos dos cavalos que passavam, que pareciam ter todos cordão e alto calçado, e a defender-me de propostas indiscretas lançadas por mulheres jovens, e outras não tão jovens assim, perigosamente despidas por igual. Finalmente, logo após a meia-noite, uma conversa maravilhosamente esclarecedora com uma das ditas mulheres foi interrompida pelo ruído dos cascos e das rodas de uma sege que se aproximava a trote, e, passado um momento, os tons penetrantes de uma voz familiar ecoando na rua quase deserta eliminaram a necessidade de qualquer inspeção adicional ao equídeo.

— Annalisa, minha coisa linda — veio a voz que, não sendo um grito, se faria ouvir a um quilómetro dali, no Sussex —, essa criança que estás a tentar seduzir não é um pouco jovem, mesmo para ti? Olha para ele, nem barba tem.

A senhora ao meu lado deu meia-volta ao encontro da origem da interrupção. Despedi-me educadamente e avancei rua dentro para interceptar a sege. Ele trazia passageiro, aliás, trazia dois, mas abrandou, recolheu as rédeas na mão direita e estendeu o outro braço comprido para baixo, na minha direção. A minha pinga-amores desiludida gritou insultos bem-humorados para Holmes, que teriam feito estalar o pouco verniz que havia por ali, não tivesse ela recebido troco na mesma moeda com comentários igualmente animados da parte dele.

A inclinação alarmante da sege fez que o cavalo resfolegasse e guinasse abrupto, e um rosto assustado, guarnecido de bigode, surgiu por trás do vidro estalado da janela lateral, franzindo o sobrolho para mim. Holmes desviou da prostituta para o cavalo a ira da sua língua e, na melhor tradição dos cocheiros londrinos, rogou ao animal pragas sonoras, imaginativas e isentas de toda e qualquer obscenidade manifesta. Mais útil do que isso, puxou a cabeça da montada para trás com um esticão seco nas rédeas, devolvendo a atenção do animal ao trabalho em curso, enquanto continuava a içar-me para o veículo e se despedia disparando uma rajada de comentários afetuosos, de espantosa intimidade, para Annalisa, que desaparecia à distância. Holmes gostava imenso de se embeber inteiramente nos papéis que assumia, refleti enquanto me encafuava no assento para um que já se encontrava ocupado pelo homem e as suas volumosas vestes.

— Boa noite, Holmes — saudei-o educadamente.

— Bom dia, Russell — corrigiu-me ele, e incitou o cavalo para que retomasse o trote.

— Está de serviço, Holmes?

Percebera assim que o seu braço se estendeu para mim que, se da investigação de um caso se tratasse, não diria respeito aos atuais passageiros, senão ter-me-ia simplesmente mandado seguir caminho com um gesto da mão.

— Minha querida Russell, esses seus americanismos... — disse repressivo. — Muito me ferem os ouvidos. «De serviço.» Não, não estou ocupado com nenhum caso, Russell, estou meramente a praticar para manter habilidades de antigamente.

— Está a passar um bom bocado?

— «A passar um bom bocado?» — disse, pronunciando as palavras com um asco enfatiado, e deitou-me um olhar de soslaio.

— Muito bem, está a divertir-se?

Arqueou uma sobrancelha face à minha roupa antes de devolver a atenção às rédeas.

— É caso para lhe perguntar o mesmo, Russell.

— Sim — respondi. — Para dizer a verdade, estou, *de facto*, a divertir-me, Holmes, e muito, muito obrigada — rematei, reclinando-me tanto quanto me foi possível.

O trânsito, mesmo no centro de Londres, tende a diluir-se apreciavelmente ao fim daquilo a que os cristãos designam erroneamente por *sabat*², e as ruas estavam agora quase tão sossegadas como seria possível. Era muito agradável sentir-me sacudida num assento oscilante, três metros acima da calçada insalubre, tendo a meu lado o meu único amigo genuíno, seguindo pelas ruas mal iluminadas onde ecoava o som dos cascos do cavalo e o rolar das rodas do veículo, numa noite suficientemente fria para anular os cheiros e rechazar o nevoeiro, mas não fria quanto bastasse para ferir a pele exposta e as cabeças dos dedos. Baixei o olhar ao encontro dos dedos enferruscados do meu companheiro, em posição de controlarem o cabedal pesado das rédeas, atentando em indícios de mau comportamento da parte do quadrúpede ainda recalcitrante com a mesma sensibilidade que exibiam em todas as atividades que praticavam, desde experiências químicas delicadas à exploração tátil de uma pista. Ocorreu-me uma ideia.

— Holmes, sente que o frio numa noite limpa agrava tanto o seu reumatismo como o frio numa noite de nevoeiro?

Fixou-me com um olhar desconfiado, depois regressou ao trabalho, com os lábios indubitavelmente franzidos a coberto dos cachecóis. Era, de

² Provável referência à alteração que a Igreja Católica instituiu ao passar o dia do descanso (*sabbath*) de sábado para domingo. (*N. do T.*)

facto, como me apercebi tardiamente, uma abertura pouco convencional para uma conversa, mas certamente Holmes, logo ele, não teria moral para se opor a excentricidades.

— Russell — disse por fim —, foi muito amável da sua parte ter vindo do Sussex e esperado ao frio, à esquina da rua, durante meia noite, a travar amizades impróprias e a fazer convites à pneumonia com o fito de saber do meu estado de saúde, mas talvez, agora que me encontrou, possa avançar para o objetivo que a trouxe aqui.

— Não tinha objetivo nenhum — protestei, ofendida. — Acabei o trabalho mais depressa do que estava previsto, apeteceu-me passar o resto do dia consigo, em vez de a ouvir os meus parentes guincharem e protestarem no rés do chão, e quando descobri que estava desaparecido, lembrei-me de o seguir até aqui para ver se lhe apanhava o rasto. Não passou de um capricho — repeti com firmeza. Talvez demasiada firmeza. Apressei-me a mudar de assunto. — Em todo o caso, o que faz por cá?

— Guio uma sege — disse ele numa voz que me indicou que não se deixaria distrair, tão-pouco enganar. — Vá lá, Russell, mais vale fazer-me a pergunta; demorou sete horas a chegar aqui. Ou talvez seja melhor dizer seis anos?

— De que raio está a falar? — Fiquei muito zangada com a ameaça de ver a minha rica noite estragada pelo ar sardónico e omnisciente dele, embora só Deus saiba como já deveria estar habituada. — Estou a tirar férias das férias. Estou a descontraír depois do divertimento forçado da semana passada. Isto é uma diversão, Holmes, e nada mais. Pelo menos, assim era, até a sua alma suspeita atacar com insinuações sarcásticas de omnisciência. Francamente, Holmes, às vezes consegue ser muito irritante.

Não se mostrou minimamente incomodado com o esticar dos meus espinhos, desenhou um arco com a sobrançelha e olhou-me de través para mo dar a entender. Levantei o queixo e lancei o olhar noutra direção.

— Portanto, não veio «apanhar-me o rasto», como formulou anteriormente, com outro intuito que não o de fazer um exercício de perseguição?

— E também pelo prazer no exercício da liberdade, pois.

— Está a mentir, Russell.

— Holmes, isto é insuportável. Se quer ver-se livre de mim, basta abrandar e deixar-me descer daqui. Escusa de me ofender. Vou-me já embora.

— Russell, Russell — censurou-me ele, abanando a cabeça.

— Raios o partam, Holmes, o que imagina que seria urgente ao ponto de me trazer tão longe para o confrontar de imediato, coisa que, como já terá reparado, não fiz?

— Uma pergunta que finalmente ganhou coragem para me fazer, e foi esse ímpeto que a trouxe depois até aqui — respondeu com frieza.

— E que pergunta poderia ser essa? — De facto, assim deixei-me absolutamente vulnerável, mas quando nos lançamos num rumo, é difícil mudar de direção.

— Desconfio que veio para me pedir em casamento.

Por pouco não caí das traseiras da sege.

— Holmes! O que... Como é que... — Fui tropeçando nas palavras até me calar. À minha frente, o alçapão que permitia a comunicação com os passageiros na cabina começava a levantar, e num instante ficaram à minha vista dois pares de olhos, mal iluminados pelas luzes da carruagem e por um candeeiro de rua que deixámos para trás. Um dos pares era encimado por um chapéu de coco, o outro por uma desordem espampanante de flores, e ambos passaram sobre nós como dois pares de holofotes errantes, estudando apreensivamente os dois homens que mantinham este diálogo de loucos por cima das suas cabeças.

Holmes levantou o chapéu e dedicou-lhes um sorriso congenial. Eu abanei a aba do meu e dediquei-lhes o que me pareceu um ar de imbecilidade criminosa, mas aparentemente não passou de uma expressão um pouco desconcertante. Eles fixaram-nos por entre as rédeas, de bocas escancaradas.

— Posso ajudá-lo com alguma coisa, senhor? — perguntou Holmes delicadamente, com a sua voz a deslizar para a pronúncia *cockney*³.

— Pode fazer-me o favor de explicar o significado desta conversa extraordinária que eu e a minha esposa fomos obrigados a ouvir?

Tinha cara de diretor escolar, embora o seu nariz se apresentasse escurecido por roturas nos vasos capilares.

— Esta conversa? Pois claro, peço desculpa, suponho que tenha parecido uma maluqueira — riu Holmes. — É teatro amador, meu senhor. Temos um grupo, ensaiamos papéis sempre que nos cruzamos. Isto é de uma peça do Ibsen. Conhece? — As cabeças deles abanaram em unísono, e trocaram um olhar entre si. — É uma bela obra, mas tirada do contexto, a modos que parece coisa de baixo nível. Pedimos desculpa pela maçada.

Os olhos estudaram-nos duvidosamente durante mais um longo instante, depois tornaram a cruzar-se, e os chapéus afundaram-se lentamente

³ Linguajar londrino, tipicamente da zona oriental da cidade, cujo discurso é caracterizado por uma pronúncia e um dialeto próprios, normalmente associado a uma postura de «chico-esperto». (*N. do T.*)

de volta ao interior da carruagem. Holmes começou a rir-se compulsivamente em silêncio absoluto, e eu juntei-me relutantemente a ele. Passados minutos, limpou o rosto com as suas luvas imundas, fez estalar as rédeas para que o cavalo retomasse o trote e passou para um assunto totalmente diferente.

— Agora, Russell, este cavalheiro e a sua bela esposa vão para o número 17 em Gladstone Terrace. Tenha a gentileza de puxar pela memória e dizer-me onde isso fica. — Era um teste e, por uma questão de hábito, recapitulei a minha imagem mental da região.

— Fica nove ruas mais acima, do lado esquerdo.

— Dez ruas — corrigiu-me ele. — Esqueceu-se de Hallicombe Alley.

— Lamento. Começamos a afastar-nos demasiado para o meu conhecimento do mapa. Confesso que nunca tinha visto uma ou duas das zonas por onde passámos.

— Ai de si que tivesse — replicou, afetado. Holmes tendia a recuperar as suas atitudes vitorianas e a lembrar-se do meu género nas alturas mais caricatas, apanhando-me sempre de surpresa.

Holmes travou o veículo numa perpendicular deserta e os nossos passageiros precipitaram-se para o refúgio da sua casa em banda, sem esperarem sequer pelo troco. Holmes gritou um obrigado para a porta que se fechava; a sua voz ressaltou na censura dos tijolos e fugiu dentro da noite.

— Faz-me o favor de saltar lá para baixo e ir buscar a manta, Russell?

Quando nos instalámos com a dita sobre os joelhos, ele sacudiu as rédeas e o cavalo inverteu a marcha, retomando a via principal. Seguimos por um caminho diferente no regresso à cavalaria, passando por ruas ainda mais escuras e mais sujas do que as percorridas na vinda. Estava de novo divertida, meio adormecida apesar dos abanões contínuos, quando Holmes falou.

— Então, Russell, o que me diz? Tem alguma pergunta para me fazer?

É difícil afastarmo-nos de um homem quando ambos estamos apertados, ombro com ombro e embrulhados numa manta, mas lá consegui.

— Vamos lá, Russell, você é uma grande proponente da emancipação da mulher; certamente será capaz de levar avante os seus intuítos neste assunto insignificante.

— Insignificante? — Agarrei-me a essa palavra, tal como ele sabia que faria. — Primeiro coloca-me a proposta na boca, depois denigre-a. Nem sei porque é que... — e mordeu a língua para travar as palavras.

— «Porque é que me lembrei sequer disso», era o que estava prestes a dizer?

Antes de poder responder-lhe, um vulto veloz que saiu disparado de um beco escuro fez que Holmes se pusesse em pé, por pouco não me derrubando do assento. Uma figura negra estava aos cascos do cavalo, rosnando e batendo um fogacho de dentes brancos enquanto se desviava para dentro da luz fraca dos nossos candeeiros. Num movimento contínuo, Holmes enrolou as rédeas à volta da mão esquerda e caçou-as com força para si enquanto apanhava o açoite comprido e o tirava do poiso com a direita, e com uma pontaria apreciável tornou os latidos em ganidos. Foi com pura força bruta que obrigou o cavalo a empinar-se e o impediu de lhe fugir, mas foi com arte absoluta que lhe permitiu apenas a liberdade suficiente para retomar o andamento. A cabeça do animal com palas nos olhos sacudiu e agitou as rédeas desde a sua boca que mais parecia de cabedal até aos braços do cocheiro, e o seu pescoço pesado e deselegante rebrilhou de suor, mas obedeceu a quem o guiava. Num instante, ainda de pé e agora com as duas mãos nas rédeas, Holmes prosseguiu como se não tivesse havido qualquer interrupção.

— Assim sendo, porque é que se lembrou disso? — insisti numa voz calma mas de gume bem afiado. — Dei-lhe alguma razão para crer que seria recetivo a tal sugestão? Tenho 59 anos, Russell, e há muito que me acostumei à privacidade e liberdade da vida de solteiro. Julga-me suscetível de sucumbir aos ditames dos costumes sociais e casar-me consigo de forma a impedir as línguas de linguajar quando saímos juntos? Ou talvez imagine que os prazeres do leito nupcial possam mostrar-se irresistíveis para mim?

A minha paciência esgotou-se. Simplesmente, não era capaz de ficar ali sentada a ouvir nem mais uma frase que aniquilasse a paz, ameaçasse a amizade e avassalasse a esperança. Atirei a manta para cima dele, levantei os dois joelhos para apoiar as botas na margem superior da sege, depois endireitei as pernas e dei uma cambalhota para trás sobre o assento, proeza acrobática que não teria sido capaz de executar, de maneira alguma, se houvesse parado para pensar no assunto primeiro. Cambaleei sobre a calçada acidentada, um rasgo de dor a atacar-me o ombro aleijado, mas estava fora da sege. Holmes libertou o braço da manta com um safanão e começou a puxar as rédeas, mas o muito maltratado cavalo tinha agora o freio entre os dentes e deu-lhe luta, escoiceando e forçando os tirantes. Dei três passos tortos na direção da valeta, colhi uma garrafa de gim do caixote do lixo e

fi-la saltar sobre as pedras da calçada até se despedaçar aos cascos do cavalo. Os estilhaços fizeram que este se empinasse, a dor provocada por um pedaço de tijolo do tamanho de um punho tornou a assentá-lo no chão, e em resposta ao terceiro míssil bateu em retirada.

Quando Holmes conseguiu tornar a controlá-lo, eu já tinha desaparecido, fugido por uma viela, passado por cima de um muro, dobrado duas esquinas e mergulhado no abismo da noite. Nunca mais me apanhou.